



LEITURA,
ANÁLISE
E MÉTODO:

ANTON TCHEKHOV
E LIEV TOLSTÓI

CONTO ANGÚSTIA

MATERIAL COMPLEMENTAR DA ANÁLISE DOS CONTOS DE TCHEKHOV

ANGÚSTIA

ANTON TCHEKHOV

A quem revelarei a minha aflição?

Crepúsculo vespertino. Os flocos de neve úmida giram preguiçosamente em torno dos lampiões recém-acesos. Repousam sobre telhados, dorsos de cavalos, ombros e chapéus, formando uma camada fina e macia. O cocheiro Iona Potápov está todo branco, como um fantasma. Sentado na boleia, curvou-se tanto quanto pode um corpo vivo, e nem pisca. Parece que, se caísse sobre ele um monte inteiro de neve, nem assim, ele acharia necessário sacudir-se para se livrar dela... A eguinha também está branca e imóvel. Em sua imobilidade, nas formas angulosas e na retidão de estacadas pernas, está muito parecida, até bem de perto, com aqueles biscoitos em forma de cavalinho que custam um copeque. É bem provável que esteja mergulhada em pensamentos. Quem é arrancado do arado, das paisagens cinzentas familiares, e jogado aqui neste redemoinho, cheio de luzes assustadoras, de uma barulheira sem fim e de pessoas, às carreiras, não pode evitar pensar nisso...

Há muito tempo Iona e a eguinha não se mexem... Saíram de casa ainda antes do almoço e nada, nadinha de movimento.



Mas eis que a bruma da noite desce sobre a cidade. A palidez da luz dos lampiões cede lugar a um colorido vivo e a confusão das ruas aumenta mais e mais.

– Cocheiro, para a Víborgskaia! – ouve Iona. – Cocheiro!

Iona estremece e, por entre os cílios grudados pela neve, vê um militar de capote e capuz.

– Para a Víborgskaia! – repete o militar. – Está dormindo ou o quê? Para a Víborgskaia! Em sinal de concordância, Iona puxa as rédeas e então placas de neve se desprendem dos seus ombros e do dorso da eguinha... O militar senta-se no trenó. O cocheiro estala os lábios, estende o pescoço à moda dos cisnes, ergue-se e, mais por hábito do que por necessidade, agita o chicote. A eguinha também estende o pescoço, dobra as pernas que lembram estacas e arranca sem convicção...

– Aonde veio se meter, animal! – ouve Iona logo em seguida. O xingamento saiu da massa escura que se desloca para frente e para trás. – Vai pra onde manda o diabo? Fique à direita!

– Não sabe guiar! Fique à direita! – irrita-se o militar.

O cocheiro de outra carruagem xinga, um transeunte lança um olhar raivoso e sacode a neve da manga depois de ter atravessado a rua e batido o ombro no focinho da eguinha. Na boleia, Iona se contorce, como se espetado por alfinetes, afasta bem os cotovelos e corre os olhos por todos os lados, como um desvairado, como se não compreendesse onde e por que está ali.



– Que bando de canalhas! – alfineta o militar. – Dão a veneta de trombar com a gente ou de cair debaixo do cavalo! Combinam fazer isso.

Iona vira-se para o passageiro e mexe os lábios... Pelo visto, quer dizer alguma coisa, mas da garganta não sai nada além de cicios.

– O quê? – pergunta o militar.

Iona retorce a boca num sorriso, tensiona a garganta e cicia:

– Pois eu, senhor... perdi meu filho nesta semana.

– Hum... E morreu de quê?

Iona vira-se completamente na direção do passageiro e diz:

– E quem é que sabe! De febre, deve ter sido... Ficou três dias no hospital e morreu... Vontade de Deus.

– Vire, demônio! – ouve-se da escuridão. – Perdeu o rumo, cachorro velho? Olhe aonde vai!

– Adiante, adiante... – diz o passageiro. – Senão não chegaremos nem amanhã! Anda!

O cocheiro estica de novo o pescoço, levanta-se e agita o chicote num movimento pesado. Depois olha outras vezes para o passageiro, mas este fechou os olhos e, pelo visto, não está disposto a escutar.

Após deixá-lo na Víborgskaia, Iona para em frente a uma taberna, curva-se na boleia de



novo e nem se mexe... A neve úmida mais uma vez cobre de branco o cocheiro e a eguinha. Passa uma hora, passam duas...

Pela calçada, batendo sonoramente as galochas e xingando uns aos outros, chegam três jovens: dois altos e magros, o terceiro baixo e corcunda.

– Cocheiro, para a ponte Politseiski! – grita o corcunda, com voz entrecortada. – Três... Por vinte copeques!

Iona puxa as rédeas e estala os lábios. Vinte copeques é pouco, mas que lhe importa o dinheiro? O que é um rublo ou cinco copeques? Para ele agora tanto faz, o importante é haver passageiros... Os jovens, em meio a empurrões e palavrões, aproximam-se do trenó e sobem nele de uma só vez. Surge uma questão: dois podem se sentar, um tem de ficar de pé. Depois de prolongada disputa, teimosia e broncas, decidem que o corcunda deve ficar de pé, pois é o menor.

– Vamos lá, toca! – rouqueja o corcunda, equilibrando-se e bafejando junto à nuca de Iona. – Dá nele! E que gorro é este, irmão? Não se encontra pior em Petersburgo...

– Hi-hi... Hi-hi... – rincha Iona. – É o que tenho...

– Vamos lá, é o que tenho, toca pra frente! Vai andar o tempo todo assim? Hein? Leva um pescoço...

– Minha cabeça está rachando... – diz um dos compridos. – Ontem, na casa de Dukmassov, o Váska e eu viramos quatro garrafas de conhaque.



– Não entendo pra que mentir! – ofende-se o outro comprido. – Mente como um porco.

– Deus me castigue, é verdade...

– É tão verdade quanto a tosse do piolho.

– Hi-hi! –o cocheiro dá um risinho. – Que senhores animados!

– Que vá para o diabo! – revolta-se o corcunda. – Vai andar ou não vai, sua peste velha!

Isso lá é jeito de guiar? Desça o chicote! Diabos! Bata no cavalo!

Iona sente às suas costas o remexer do corpo do corcunda e o vibrar da sua voz. Ouve as pragas que lhe são dirigidas, vê pessoas, e o sentimento de solidão aos pouquinhos vai deixando o seu peito. O corcunda xinga até usar todo tipo de palavrão, até ser tomado pela tosse. Os compridos começam a falar de uma Nadejda Petrovna. Iona olha para eles. Espera uma pausa curta, olha de novo e murmura:

– E nesta semana... o meu filho... morreu!

– Morreremos todos – suspira o corcunda, enxugando os lábios depois da tosse. –

Vamos lá, toca em frente! Senhores, decididamente, não posso mais seguir assim!

Quando é que chegaremos?

– Então dá uma animada nele... no pescoço!

– Sua peste velha, está ouvindo? Vai levar uma, no pescoço! Se for tratar com jeito, melhor ir a pé! Está ouvindo, monstrengo? Ou não dá a mínima pra gente?

E Iona mais ouve o som do que sente o pescoço.



– Hiii... – solta ele. – Que senhores animados... Benza Deus!
– Você é casado, cocheiro? – pergunta o comprido.
– Eu, eh? Hi-hi... Que senhores animados! Minha única mulher é a cova rasa. Hiii-ho-ho... Quer dizer, o túmulo! Não é que o filho morreu... e eu fiquei vivo... Que coisa, a morte bateu na porta errada... Em vez de me levar, levou o filho...
E Iona volta-se para trás a fim de contar como o filho morreu, mas, no mesmo instante, o corcunda suspira e anuncia que, graças a Deus, finalmente chegaram. Iona recebe os vinte copeques e fica um longo tempo olhando os farristas, até que desaparecem na escuridão da entrada do prédio. De novo ele está sozinho e de novo baixa um silêncio...
A angústia, aplacada por pouco tempo, surge novamente e oprime o seu peito ainda com mais força. Os olhos de Iona, aflitos e martirizados, percorrem a multidão azafamada nos dois lados da rua: será que não consegue encontrar entre esses milhares de pessoas pelo menos uma que possa escutá-lo? Mas a multidão corre sem notá-lo, sem notar a sua angústia... Uma angústia enorme, que desconhece limites. Se a angústia rompesse o peito de Iona e se derramasse, poderia inundar o mundo inteiro, mas, ainda assim, ninguém a veria. Ela conseguiu se meter numa casca tão minúscula que não é vista nem de dia com sol quente.
Iona vê um zelador com um saquinho e decide falar com ele.
– Querido, quantas horas serão agora? – pergunta ele.



– Mais de nove... Por que é que parou aqui? Passa!

Iona toca um pouco em frente, curva-se e entrega-se à angústia... Considera inútil dirigir-se às pessoas. Mas não passam nem cinco minutos e ele já se apruma, sacode a cabeça, como se tivesse sentido uma dor aguda, e puxa as rédeas... Está esgotado.

“Para a estrebaria”, pensa, “para a estrebaria”.

A eguinha parece adivinhar-lhe o pensamento e põe-se a trotar. Uma hora e meia depois, Iona já está sentado junto ao fogão de lenha grande e sujo. Sobre a laje do fogão, no chão e nos bancos, há gente roncando. Um ar empestado, um abafamento... Iona olha os homens adormecidos, coça a cabeça e lamenta ter voltado para casa tão cedo...

“Não ganhei nem para a aveia”, pensa ele, “daí esta angústia. Quem conhece o seu ofício, tem o que comer e o que dar ao cavalo... está sempre tranquilo”.

Em um canto, um jovem cocheiro levanta-se, grasna sonolento e estica a mão até o balde d’água.

– Deu sede? – pergunta Iona.

– Eh, sede!

– Saúde, então... Mas, irmão... meu filho morreu... Ouviu? Nesta semana, no hospital... Uma história!

Iona busca o efeito que as suas palavras teriam provocado, mas não vê nada. O jovem cobriu-se até a cabeça e já está dormindo. O velhinho suspira e se coça... Assim como o



jovem queria beber, ele quer falar. Daqui a pouco faz uma semana que o filho morreu, e ele ainda não falou disso direito com ninguém... É preciso falar com seriedade, pausadamente... É preciso contar como o filho adoeceu, como sofreu, o que disse na hora da morte, como morreu... É preciso descrever o enterro, a ida ao hospital para pegar as roupas do falecido. Restou a filha Anissia, na aldeia... É preciso falar dela também... Quanta coisa ele não pode contar agora? Quem estiver ouvindo deve soltar ais, suspirar, prantear... Com mulheres, seria ainda melhor. São tolas, mas berram depois de duas palavras.

“Melhor ir ver o cavalo”, pensa Iona, “sempre há tempo para dormir... De certo, vou dormir bem”.

Ele coloca o casaco e vai para a estrebaria onde fica a eguinha. Pensa na aveia, no feno, no clima... Pensar no filho, quando está sozinho, ele não consegue... Falar dele com alguém é possível, mas pensar nele, sozinho, desenhar na mente a sua imagem, é horrível demais...

– Está comendo? – pergunta Iona à eguinha, fitando os seus olhos brilhantes. – Come, come... Se não deu para a aveia, comemos feno... Isso... Já estou velho pra guiar... O filho é que devia guiar, não eu... Ele é que era cocheiro de verdade... Só precisava viver...

Iona fica calado algum tempo, depois continua:

– Pois é, irmãzinha... Não existe mais Kuzma Ionitch... Foi-se para a vida eterna... Pegou



TRADUÇÃO: DENISE SALES
REVISÃO: ÍTALO ZEN GONÇALVES E RODRIGO ALAN KOCH

